

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARA

CENTRO DE FILOSOFIA

E CIÊNCIAS HUMANAS

O Pensamento Político de Felipe Patroni



CADERNO ESPECIAL

Angela Maroja Silveira



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

REITOR: José Seixas Lourenço

VICE-REITOR: Almir de Morisson Faria

DIRETOR DO CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS: Alex Fiuza de Mello

CONSELHO EDITORIAL:

Alcides Gaditto

Benedito Nunes

Edna Maria Ramos Castro

Francisco Bondim

Lucia Helena de Mello e Silva

Maria Angélica Motta Maués

Olavo de Faria Galvão – Presidente

Pasquale di Paolo

Ruth Burlamaqui Moraes

Violeta Refkalefsky Loureiro

GRÁFICA E EDITORA UNIVERSITÁRIA:

Ivan Brasil – Diretor

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

O Pensamento Político de Felipe Patroni

Angela Maroja Silveira

Filósofa, professora assistente do Departamento de
Filosofia e Metodologia da UFPA.

CADERNO ESPECIAL



BELEM
1986

Título e Texto amparados pela Lei n. 5 988, de 14 de dezembro de 1973.

ORIGINAIS: Moacir Silva de Moraes

NORMALIZAÇÃO: Sílvia Maria Bitar de Lima

EDITORACÃO: Divisão de Editoração da GEU

Série Cadernos Especiais (Estudos e Pesquisas)

Endereço para correspondência:

Universidade Federal do Pará
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Campus Universitário - Guamá
66 000 Belém-PA

(PABX) 229-2088 R. 449

SILVEIRA, Ângela Maroja

O Pensamento político de Felipe Patroni. Belém: Universidade Federal do Pará / Centro de Filosofia e Ciências Humanas, 1986.

37 p. (Cadernos Especiais)

1. PATRONI, Felipe, 1792 - 1866.

2. PARÁ - História, I. Série II. Título

CDD 981.1

Apresentação

Independentemente das dificuldades materiais de acesso, aliviadas com a edição das Obras Escolhidas, pelo Conselho Estadual de Cultura, em 1974, os escritos doutrinários de Felipe Patroni permaneciam fora do circuito de pesquisa acadêmica. Foram incluídos, por extravagantes, no rol dos títulos políticos espúrios do séc. XIX, à margem das correntes do pensamento real, que contribuíram para a definição do Estado brasileiro à época do Império, e pela mesma razão considerados de nenhum valor como objeto de estudo no campo das ideias. Essa marginalização tomou o aspecto de um isolamento clínico que ainda hoje a justifica perante o bom senso, devido à pecha da loucura do autor, estigma que lhe veio de seus contemporâneos, e que não impediu alcançasse ele as proporções míticas de "vulto de nossa História".

Nunca se tolheu a entrada dos loucos nos paratões, e sim a de seus escritos, que por longo tempo, senão para sempre, têm ficado do lado de fora da consagração pública, numa espécie de gueto bibliográfico. Foi daí que esse estudo pioneiro de Ângela retirou os de Patroni.

Por que o extravagante é extravagante? Eis a pergunta que Ângela terá feito de si ao aproximar-se amorosamente deles, lendo A Bíblia do Justo Meio da Política Moderada, Álgebra Política e Bartilha Imperial, com o mesmo interesse teórico que dedicou à leitura dos clássicos do liberalismo, Locke, Montesquieu e Rousseau, e dos filósofos antigos, platão e

Aristóteles sobretudo, nos quais se abeberou o prócer da rebelião constitucionalista de 1821 no Pará.

Veremos que nosso publicista e poeta extravagou intelectualmente em quase todas as conotações de extravagar: andou fora de ordem das idéias do liberalismo político de seu tempo, dispersou-as, divagou, às vezes desvairou, às vezes perdeu-se entre elas e atrapalhou-se para sair do meio delas. Mas extravagou-se sempre, seja-nos permitido o uso irregular do verbo, à busca de uma sociedade perfeita, em harmonia com a natureza humana e com a natureza divina, entre teocrática e coletivista, que já não seria mais liberal. A extravagância foi o estado agudo de uma dissidência sem saída. Nessa busca, obsessiva e sofrida, que misturou o Direito Natural e a Teologia, a vontade do Contrato Social e o govêrno dos sábios da República de Platão, emaranhando ideologia e utopia, moral e política, Patroni antecipou-se de um modo ingênuo, não insento de profetismo, a certas idéias e tendências que só desabrochariam na segunda metade do sec. XIX. São coisas que Ângela descobriu depois de atravessar a barreira da insânia erguida em torno do pensador político dissidente.

Valeu a pena atravessá-la para poder fazer resse estudo, sob forma ensaística, a primeira leitura interpretativa do liberalismo "tresloucado" do fundador" de O Paraense. Isso já é muito e não custou pouco. Exigiu além de argúcia e competência, um ato de coragem intelectual. A coragem de enfrentar a sério o que a tradição acoima de risível.

Belém, Abril/86.
BENEDITO NUNES

Sumário

APRESENTAÇÃO

CAPÍTULO 1

FELIPPE PATRONI: AGITAÇÃO
POLÍTICA E LOUCURA

1

CAPÍTULO 2

FELIPPE PATRONI E AS VICISSI-
TUDES DO LIBERALISMO POLÍ-
TICO

15